

---

RUBIO, Lisardo. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona, Ariel, 1976. v. 2, 194 p.

A obra é composta de cinco capítulos, dos quais só os dois últimos, a saber, o quarto, sobre a subordinação e o quinto, sobre a coordenação, eram inéditos. Dos outros três, o segundo, que trata dos modos na oração independente, apareceu pela primeira vez em 1968, ao passo que o primeiro, relativo à ordem das palavras em latim clássico e o terceiro, cujo objeto é a estrutura do estilo indireto em latim e em espanhol, são de 1972.

A quem leu o primeiro volume da obra de Rubio, pode-se dizer que, neste segundo, são mantidos a clareza e o método característicos do autor, ainda que nem sempre se possam descartar de todo reparos da crítica no que concerne ao ponto de vista estritamente inovador (cf. *Revue des Etudes Latines*, tomo LV, p. 416-417). Cabe, porém, observar que não é propósito do autor apresentar uma doutrina totalmente nova da sintaxe latina, nem mesma aplicar-lhe, com exclusividade, os postulados desta ou daquela teoria moderna em particular. Ninguém, em sã consciência, terá a ingenuidade de pensar que, pelo fato de aparecer no título da obra a palavra *estrutural*, está ela adstrita aos cânones de um dogma lingüístico qualquer. Daí o escrúpulo com que se consigna, ao longo de todo o volume, a origem dos conceitos em que se apóiam suas análises e sugestões.

O estudo da subordinação (cap. IV), ponto crucial da sintaxe latina, é também, nem poderia ser de outra forma, o mais desenvolvido: 85 das 194 páginas do livro. Começa, todavia, por manter uma terminologia que, não obstante antiga, sempre foi imprecisa, para não dizer errônea. *Oração*, por ex., representa as idéias tanto de *proposição* quanto de *período* (ou *frase*, como se prefere hoje entre nós), sendo que *período* é também utilizado pelo autor em acepção mais ou menos idêntica à do emprego que faz de *oração*. Além disso, a par de indicações fortemente sugestivas, — como a de se separar as chamadas conjunções subordinativas das coordenativas, para aproximar as primeiras das preposições, ou como esta outra igualmente útil e oportuna, a de que se aproveite a tese tesnieriana da translação no estudo da hipotaxe, ou ainda, a de que se leve em conta, numa nova e modernamente concebida classificação das conjunções latinas o seu caráter polisêmico, a fim de se evitarem os excessos taxionômicos das gramáticas tradicionais, — a par dessa visão tão clara quão sensata e desmistificadora, dizia-se, são mantidos senões de maior monta, que não podem ser levados à conta de simples falta de modernidade no campo da terminologia. Tal é, por ex., a presunção de que possa existir, nas frases complexas, uma

proposição “principal”, com base na autonomia de sentido. Isso é de todo insustentável, tanto mais quando se pensa que o autor se serve de tal termo até mesmo para denominar o membro regente das proposições ditas completivas (cf. pág. 166, letra E).

Sobremodo fecunda é por certo a interpretação das proposições relativas à base da preconizada “conexão entre os termos interrogativos (pronomes, adjetivos, advérbios de lugar, tempo e modo) e suas respostas”. Essa aproximação permite, com efeito, se resolvam de modo satisfatório problemas de tratamento pouco convincente no ensino tradicional. É o caso da famosa “concordância por atração”, com que se procuram explicar ocorrências como: *notante iudice quo* (= quem) *nosti populo*, “pelo veredito de um juiz que conheces bem, o povo” (cf. Ernout e Thomas, § 163).

No que se refere aos demais capítulos, pôde-se afirmar que, conquanto menos extensos, o desenvolvimento, a seriedade e a lucidez

com que é abordado o assunto de cada um deles, seja no aspecto doutrinário, seja no trato das ocorrências, são de molde a propiciar ao estudioso de sintaxe latina matéria de reflexões renovadas e de promissoras aplicações.

Não se visa, nessa breve e despretensiosa notícia, a fazer o relato exaustivo, ainda que em forma de resumo, da obra de Rubio, mas a insistir na nitidez do seu método e na oportunidade das suas propostas. Referência especial merece o humor sutil, mas firmemente espanhol (por que não, latino?) com que o autor alivia o discurso metalingüístico, que chega assim ao leitor despojado dos exageros do cientificismo, do conservadorismo e do vanguardismo, num invejável e salutar trabalho de desmistificação.

Pelas razões expostas e muito mais, a leitura de mais esse volume do latinista madrileno se recomenda vivamente, também por parte daqueles estudiosos que, por não se dedicarem ao entre nós espinhoso mister de lecionar latim, não se consideram especialistas na matéria.

ALCEU DIAS LIMA